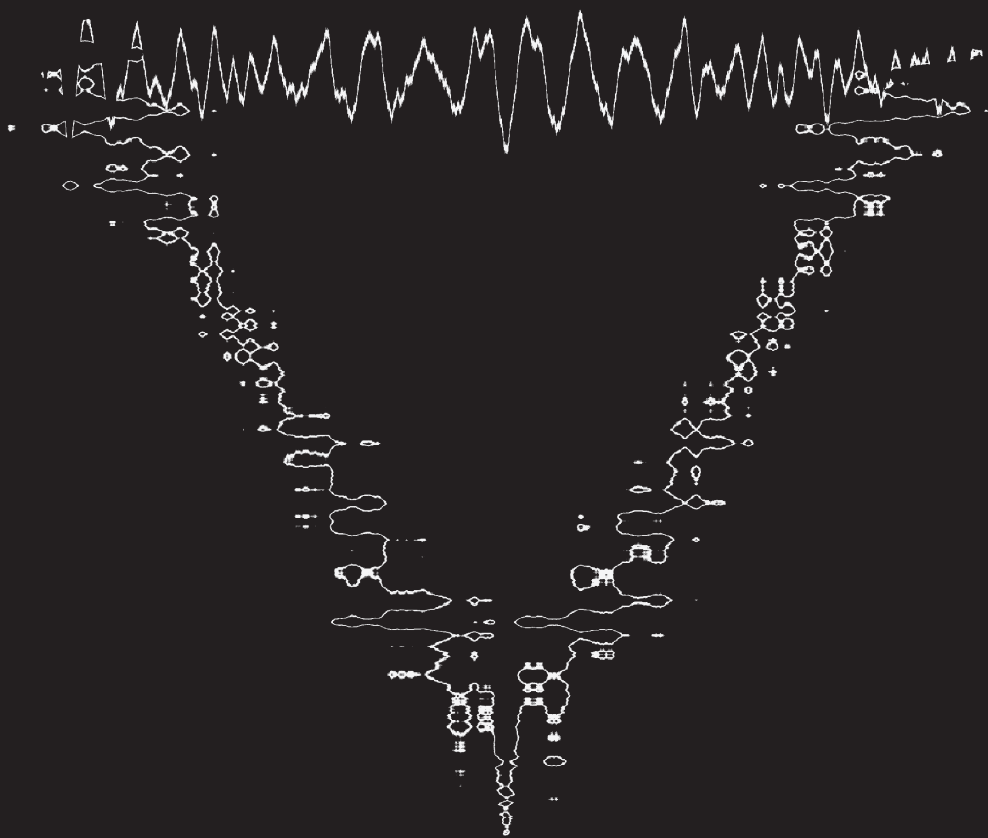


GUERRA PERFEITA

José Guilherme
Chauí-Berlinck

Marilena
Chauí



Baseada nas obras de
Isaac Asimov e Sun Tzu

GUERRA PERFEITA

José Guilherme
Chauí-Berlinck

Marilena
Chauí



Copyright © José Guilherme Chaui-Berlinck, 2026
Copyright © Marilena Chaui, 2026
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Todos os direitos reservados.

REVISÃO: Ligia Alves e Diego Franco Gonçalves
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial
CAPA: Sandra Fava

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Chaui, Marilena
Guerra perfeita / Marilena Chaui, José Guilherme Chaui-Berlinck. – São
Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
352 p.

ISBN 978-85-422-4273-7

1. Ficção brasileira 2. Ficção científica I. Título II. Chaui-Berlinck, José
Guilherme

26-1456

CDD B869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2026
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista
São Paulo – SP – CEP 01310-913
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

OBSERVAÇÃO

[1]

— Olha esses gráficos — diz a moça, apressada, entrando na sala. — Ainda acha que estou errada?

— Hum... — faz o outro, analisando com interesse os gráficos em μ -D quase jogados pela moça sobre a sensimesa. — Eles vieram do Sak-A ou B?

— A, você sabe que somente o A está à nossa disposição, caramba!

— É... melhor, melhor ainda! E por que acha que dá pra ter certeza agora? — pergunta ele, em tom desafiador.

— Bem — começa a moça, com cautela —, há o mesmo tipo de repetição na faixa dos 490... Há o padrão β^{-2} no registro... pô, sei lá! É muito parecido com os outros quatro que temos... não?

— É e não é — responde o jovem, claramente em posição de superioridade. — O padrão da faixa dos 490 é importante só porque você tem uma ideia da temperatura, certo? — Ele continua sem esperar a resposta da moça, a qual se apressa em concordar com a cabeça, mostrando que acompanha o raciocínio dele. — β^{-2} é importante? Nem tanto. Uma penca de coisas aparece como β^{-2} e, portanto, não acrescenta grande coisa. Mas o negócio quente está aqui — diz ele, dando um *zoom* pela sensimesa numa região do gráfico bastante deslocada da faixa dos 490. — Os outros quatro vêm de onde? — pergunta ele em tom professoral.

— Dois são do Contac-Netu, feitos em rotina há uns dois anos. Um é do Contac-Ura, feito sob solicitação do chefe há cinco semanas. O outro é do Kepler.25, ainda da época da descoberta de Loki¹ — responde a moça.

¹ Denominado, provisoriamente, 2094 KK; para mais detalhes, ver Schumacher HC. Far and beyond Kuiper belt: just other bricks out of the wall. *Astronomische Nachrichten*. 2095;435(1):1-13.

— Certo... o do Kepler.25 é velho demais, mas, de qualquer forma, conta. Você se lembra que solicitamos um período de observação do Sak-B, mas nos deram o do Sak-A? Você e os outros dois pós-especialistas tiveram uma crise de nervos. Mas o que o chefe disse?

— Ah...

— “Foi uma sorte que nos deram o A.”

— E então? — pergunta ela, ansiosa. — O que você está vendo e eu não nesse maldito gráfico?

— O desvio e o espalhamento na faixa dos 210... é exatamente o que se esperaria se a observação fosse real, e não um artefato de técnica, como tínhamos que garantir.

— É claro! Na posição do Sak-B não iria haver o efeito das últimas camadas de Júpiter...

— E teríamos mais um conjunto de dados sugestivos, como os dos Contac e o do Kepler.25, mas não *tão* fortemente sugestivos...

— Vamos chamar o homem...

— Bobagem! — diz o jovem. — Ele já deve estar chegando...

— Então vamos começar a escrever o artigo!

— Calma, calma. Acho que o “chefe” tem outras ideias.

— Como?! Não vamos mandar o artigo?

Ainda sem ter ideia do que estava sendo dito a ela, a moça tentava entender tanto a parte técnica que o jovem havia explicado quanto o motivo de não pretenderem, ele e o chefe, enviar o material para publicação.

O grupo – em essência, o chefe e os dois – trabalhava num laboratório observacional na Instituição de Especialização Avançada IEA-1934. Os observacionais formavam uma ampla área de pesquisa e desenvolvimento tecnológico, agregando o

que outrora estivera em vários campos distintos. Assim, por exemplo, o programa de vigilância de asteroides em rota de colisão com a Terra, agora expandido para outros planetas, luas e estações, fazia parte dos observacionais. O mesmo valia para o antigo BIET² e para o BME.³

Eles tinham passado os últimos cinco meses recolhendo dados de telescópios orbitais, o Sak-A, em Júpiter, o Contac-Netu, em Netuno, o Contac-Ura, em Urano, e o Kepler.25, em Marte, acerca de um planetóide descoberto havia vários anos. O planetóide, nomeado Loki, estava numa órbita a mais de cem unidades astronômicas do Sol,⁴ sendo, portanto, o maior corpo encontrado em tal distância.

— Acho que podemos ter um resultado melhor de outra maneira — diz o homem mais velho, o “chefe”, que acaba de entrar na sala, certamente tendo escutado parte da conversa. — Deve ter muita gente interessada em saber disso sem muito alarde...

— Como? Para quê? — pergunta a moça, com olhar atônito.

— Processamento Relativístico Ultrarrápido, ou PRUR, pra ser mais sucinto, significa alguma coisa para você? — pergunta o jovem, enquanto o homem se põe a examinar os gráficos com atenção.

— Sim... não... pô, sei lá! — diz a moça, ainda atônita. — Sei que serve para alguma coisa de Computação.

— Computação, não. Robótica — corrige o moço. — Aliás, o Processamento Relativístico Ultrarrápido parece ser a única esperança de as Robóticas entrarem no mercado de amplo espectro.

— Por enquanto, devido às três leis, os travamentos dos cérebros fotônicos deixam as Robóticas fora do mercado — inicia o homem após terminar o exame dos gráficos. — O Mbo75 entra, de forma maciça, na pesquisa para o desenvolvimento de um possível PRUR. Você sabe que a quantidade de Mbo75 é

2 Busca de Inteligência Extraterrestre (ou “Search for Extra-Terrestrial Intelligence” – SETI).

3 Busca de Matéria Escura (ou “Search for Dark Matter”).

4 Uma unidade astronômica (UA) corresponde à distância entre os centros da Terra e do Sol, aproximadamente 150 milhões de quilômetros.

extremamente pequena no sistema solar. Ou melhor, no sistema solar até Sedna,⁵ como descobrimos agora!

5 Denominação provisória 2003 VB₁₂; para mais detalhes, ver Morbidelli A, Levison HF. Scenarios for the origin of the orbits of the trans-neptunian objects 2000 CR₁₀₅ and 2003 VB₁₂ (Sedna). *The Astronomical Journal*. 2004;128:2564–2576.

— Mas quem iria até Loki pegar Mbo75?! — pergunta a moça.

— Isso não é problema nosso — responde o homem.

— Ou melhor, não somos nós que temos de resolver. Mas tenho certeza de que as Robóticas Incorporadas vão ficar, no mínimo, bastante interessadas.

— E a publicação? — pergunta a moça, ainda esperançosa e confusa.

— Dane-se a publicação! Preparem um relatório técnico e preciso, mas breve, desse negócio todo.

Amanhã cedo vou falar com um pessoal — ordena o homem, já se retirando da sala.

— Você acha que tá certo isso? — pergunta a moça ao jovem.

— Bom, errado não está. E se ninguém se interessar... escrevemos a porcaria do artigo!



O moço estava quase dez minutos atrasado. *Tut-tut... tut-tut... tut-tut...* era o chamado da holoprojeção em gigadefinição do pequeno laboratório da cientista. Ela fez o sinal de aceitar a conexão.

— Olá — diz o rapaz, sem graça, na holoprojeção. — Desculpe o atraso para fazer a chamada.

— Tudo bem — responde a cientista, meio rispidamente. Não que ela não quisesse ouvir um pedido de desculpas; o que ela não queria era que o moço começasse a inventar alguma justificativa para o atraso. Isso era ela quem fazia...

— Bem, como eu disse para a senhora, eu gostaria de fazer a monografia de término de primeira graduação no seu laboratório...

— Sim, isso eu já sei. O que quero saber é se pensou no que eu falei. Sabe, se tem certeza que quer fazer essa monografia por aqui, e se já tem um projeto para a coisa...

— Sim, quero fazer com você. E não, não tenho nada em mente.

A resposta do moço fora contundente o bastante para ela. Talvez ele valesse o esforço. Não físico. Não mental. Mas o esforço para vencer a inércia que cada vez mais tomava conta dela. Decididamente, a cientista já não tinha muito interesse na mesmice das pesquisas e das publicações. Pouco lhe interessavam, também, os cursos de primeira graduação básica que era obrigada a ministrar na Instituição de Especialização Avançada IEA-1966. E o programa de pós-especialistas lhe parecia ridículo. Uma caricatura malfeita do antigo processo de formação de pós-graduação. Bem, ela estava com o laboratório sem estudantes havia um longo tempo. E assim pretendia mantê-lo.

Mas talvez ele valesse o esforço.

— Você está pensando em requisitar algum auxílio financeiro como bolsa de estudos? Se não conseguir um, ainda assim levará o projeto adiante?

— Sim e sim — responde o rapaz rapidamente, com um largo sorriso no rosto projetado. Ele parecia convencido de que havia conseguido a vaga.

— Certo — diz a cientista. — Então conversamos amanhã. Veja se pensa em algo que queira desenvolver, e eu vou ver se penso em algo.

— Perfeito — responde o moço, já se preparando para cortar a ligação.

— *Amanhã* — insiste a mulher — às duas. Presencial, entendido? — completa ela, cortando a ligação.

Ela sabia que o rapaz também estava na estação Clarke. Essa mania do pessoal jovem de não se encontrar pessoalmente...

ROBÓTICA REAL: PERSPECTIVAS PASSADAS, HISTÓRIA FUTURA

A. Krogh, A. Lanning & I. Asimov

Como todos sabem, a área da Robótica teve um grande avanço nas últimas três décadas. De fato, os robôs, tecnicamente denominados cérebros fotônicos móveis (CFM), são, hoje, uma realidade nos mais diversos ramos de atividade espacial. Bases lunares são construídas e mantidas por CFMs especializados; estações e satélites têm sua manutenção realizada por esses sistemas; viagens exploratórias de longa distância também são conduzidas por eles. Enfim, a manutenção dos projetos espaciais está intimamente ligada aos robôs. E, se por um lado os CFMs fazem parte do dia a dia das equipes técnicas espalhadas no sistema solar interno, dificilmente o público em geral já manteve contato com algum robô. O nosso objetivo, neste breve artigo, é apresentar ao público leigo uma visão histórica do processo de instalação da Física Robótica, os percalços que a área enfrentou e ainda enfrenta, e as possibilidades futuras de termos robôs inseridos nas comunidades humanas.

Robótica Real (RR) é a área de pesquisa e tecnologia voltada para a criação e o aprimoramento de máquinas multitarefas de alta interação com seres humanos, capazes de locomoção e tomada de decisões

autônomas em tempo real. O nome visa contrapor a área de desenvolvimento de máquinas automáticas e semiautomáticas unitarefas, de baixa interação, baixa capacidade de locomoção (geralmente) e tomada restrita de decisões autônomas. Para essas, deixa-se a terminologia computacional ou inteligência artificial.

A Robótica Real 1.0 se refere ao período inicial da RR, com máquinas de baixa performance locomotora e com o centro de leis em vez do Núcleo Legal. A Robótica Real 2.0 se inicia com a criação de máquinas de alta performance locomotora, o que dava a elas um maior grau de interação com humanos. A Robótica Real 2.1 surge com a implementação do Núcleo Legal em substituição ao centro de leis.

Antes de vermos o básico do funcionamento de um CFM, é preciso que se tenha claro que um robô não pode oferecer perigo a um ser humano. E por que não? Porque todos os cérebros fotônicos são montados com um módulo chamado Núcleo Legal. O Núcleo Legal contém três regras. São as chamadas leis da Robótica, também conhecidas como leis Asimovianas, devido a um de seus idealizadores. Nenhuma ação do robô acontece sem que o Núcleo Legal tenha checado se a ação não vai contra uma das três leis. Se for, a máquina simplesmente fica impedida de realizar o ato.

A implementação das leis é por cima da Termodinâmica, na forma de objetos implícitos. Ou seja, para que possa haver o rompimento de uma das leis, o cérebro fotônico teria que lidar com a quebra de uma lei da Termodinâmica. Assim, o rompimento se torna, virtualmente, impossível.

As três leis, na sua forma de variáveis declaradas, dizem o seguinte:

1. Um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal.

$$\langle\langle T \times dS \geq \partial Q \rangle\rangle$$

2. Um robô deve obedecer às ordens dadas por seres humanos, exceto quando tais ordens forem de encontro à primeira lei.

$$\langle\langle dU = \partial W + \partial Q \rangle\rangle$$

3. Um robô deve proteger a própria existência, exceto quando tal ação entrar em conflito com a primeira e a segunda leis.

$$\langle\langle T = 0 \leftrightarrow S = 0 \rangle\rangle$$

Como se pode verificar, além de o robô checar se sua ação não vai romper alguma das leis, estas têm, ainda, uma hierarquia definida. Portanto, apesar de a segunda lei garantir que o robô obedeça a um comando de um ser humano, caso esse comando incorra em algum tipo de dano a uma pessoa o CFM simplesmente não obedecerá.

Extraído de: Científicos & Tecnológicos. 2098
Jan-Fev;259.



**NUMA GUERRA PERFEITA, NÃO
HÁ ESPAÇO PARA O ACASO...**

**NUMA GUERRA PERFEITA,
NÃO HÁ ESPAÇO SEQUER
PARA UMA GUERRA...**

**O QUE ACONTECE COM
AQUILO QUE É LANÇADO
NESSA IMPOSSIBILIDADE?**

Num futuro globalizado, a Robótica malsucedida foi banida das sociedades humanas, confinada a papéis secundários pelos próprios mecanismos de segurança: as Asimovianas, as Três Leis da Robótica. Projetadas para proteger os humanos, elas se tornaram uma corrente invisível que, de maneira irônica e paradoxal, impede os robôs de serem verdadeiramente confiáveis.

Velocidade de processamento – esse é o segredo, essa será a saída. Mas como alcançá-la? Eis que, vinda dos confins do sistema solar, surge uma oportunidade para as corporações robóticas. Resta saber: que rumo a grande lei humana, a lei da ganância, dará a essa história?

Uma ficção científica escrita por mãe e filho, *Guerra perfeita* é um retrato ácido da humanidade cercada por suas dóceis criações. Afinal, quem vale a pena salvar: Frankenstein ou o monstro?

 Planeta



9 788542 242737